

E AGORA MULHER?

ANÉSIA PACHECO E CHAVES
RIO, GUANABARA, 1987, 329 p.

REFLEXÕES SOBRE O COTIDIANO

MARTA SUPLICY
RIO, ESPAÇO E TEMPO, 1987, 322 p.

Num momento em que a discussão feminista desaparece de uma imprensa mais interessada na divulgação dos rentáveis produtos da indústria cultural, dois livros recuperam parte da produção de vários anos de autoras que ocuparam suas colunas até recentemente: Anésia Pacheco e Chaves e Marta Suplicy. Seus textos abordam temáticas distintas e assuntos bastante diversificados, mas apresentam alguns pontos em comum, além da origem.

Ambas partem do cotidiano para suas reflexões, que, escritas em momentos diversos, apresentam, entretanto, uma unidade derivada da coerência das idéias que expõem. Não é um pensamento rigidamente codificado, mas constituído, no caso de Anésia, de indagações críticas, e, no de Marta, de um "corpus" em evolução, sempre aberto para uma realidade em mutação. E, em meio a uma persistente recuperação do feminismo, cristalizado superficialmente em várias publicações, sob a forma de "receitas" (de mulher liberada, mulher moderna, nova mulher; etc.), elas fogem à imposição de modelos e preferem centrar suas reflexões sobre as possíveis causas e origens dos modelos limitadores dominantes.

Tarefa nada fácil num país em que o "modernoso" convive com o anacrônico, tudo muda ao sabor de modas induzidas de cima para baixo e poucos se preocupam com os porquês.

O feminismo como um livre questionamento do sistema predominante tem tido o condão de irritar legiões de "donos da verdade", que se sentem incomodados em seus pequenos feudos; mas tem também se revelado como uma das mais férteis correntes do pensamento crítico atual, o que muitos levaram algum tempo para perceber. Essas crônicas cumprem, assim, um outro papel, que é o da divulgação de livros e idéias, que chegam aqui com atraso de anos ou de forma deturpada. Entretanto, preocupadas fundamentalmente com a realidade brasileira e não se restringindo a um espírito mera-

mente imitativo, é a mistura do instantâneo com o perdurável e de idéias reagindo sobre realidades ou delas derivando, que dá aos textos de ambas um interesse bem além do documental.

Ao colocar o feminismo como uma série de perguntas e não de respostas prontas, Anésia é uma das poucas entre nós a usar essa perspectiva como uma matriz fecunda de crítica à produção cultural e artística, tal como foi cristalizada pela tradição e se reflete entre nós. São os aspectos ideológicos subjacentes tanto a essa produção como àquela que a contesta, que lhe interessa destacar.

É uma preocupação a que não falta um sólido embasamento histórico e conceitual. Para ela, a única forma de o feminismo resistir à recuperação, é manter o espírito questionador que o inspirou, o que passa também pelo desafio de questionar a si mesmo.

Marta explora mais a vertente que se traduz pelo psicológico e nos comportamentos sexuais (talvez os mais sujeitos a padrões impostos); mas se preocupa também com a participação política da mulher e a resistência que encontra.

Se ela e outras não tivessem descrito a participação ativa das mulheres na campanha pelas diretas, certamente só teríamos hoje o registro das versões unicamente masculinas.

Conhecida através da TV por um público amplo em todo o Brasil (no qual, a maioria sequer lê jornais), é, porém, da reflexão dos escritos que se deduz melhor porque seu importante trabalho didático soube resistir a pressões variadas, da imposição de modelos à censura direta.

Eis aí dois livros que a pioneira Carmen da Silva teria gostado de ler, pois, no difícil "front" da imprensa, para uma voz que cala, outras possuem na luta.

Maria Carneiro da Cunha